



Os índios querem mais condições para estudar, assistência médica adequada e transporte para levar o palmito, uma das suas poucas culturas, até a cidade, para vender

Índios do Litoral sonham com melhores dias

Para os 800 índios que vivem entre Mongaguá e Itariri, muitos dos problemas que enfrentam seriam resolvidos se contassem com mais apoio

Luiz Marcello Ferreira

Da Sucursal de Itanhaém

As seis principais aldeias indígenas do Litoral Sul sonham com dias melhores. Hoje, os 800 índios que vivem entre Mongaguá e Itariri acreditam que as diversas dificuldades existentes podem ser resolvidas, caso recebam apoio das autoridades. Para isso, estão mantendo contatos com algumas prefeituras da região e com a própria Fundação Na-

cional do Índio (Funai), em Bauru, no interior do Estado.

Porém, alguns problemas de relacionamento entre as aldeias e a Funai precisam deixar de existir. A índia Catarina Delfina dos Santos, 43 anos, que já trabalhou na União das Nações Indígenas, em São Paulo, percorrendo todo o País dando assistência aos povos, disse que o órgão federal nada tem feito para melhorar as condições de vida dos índios.

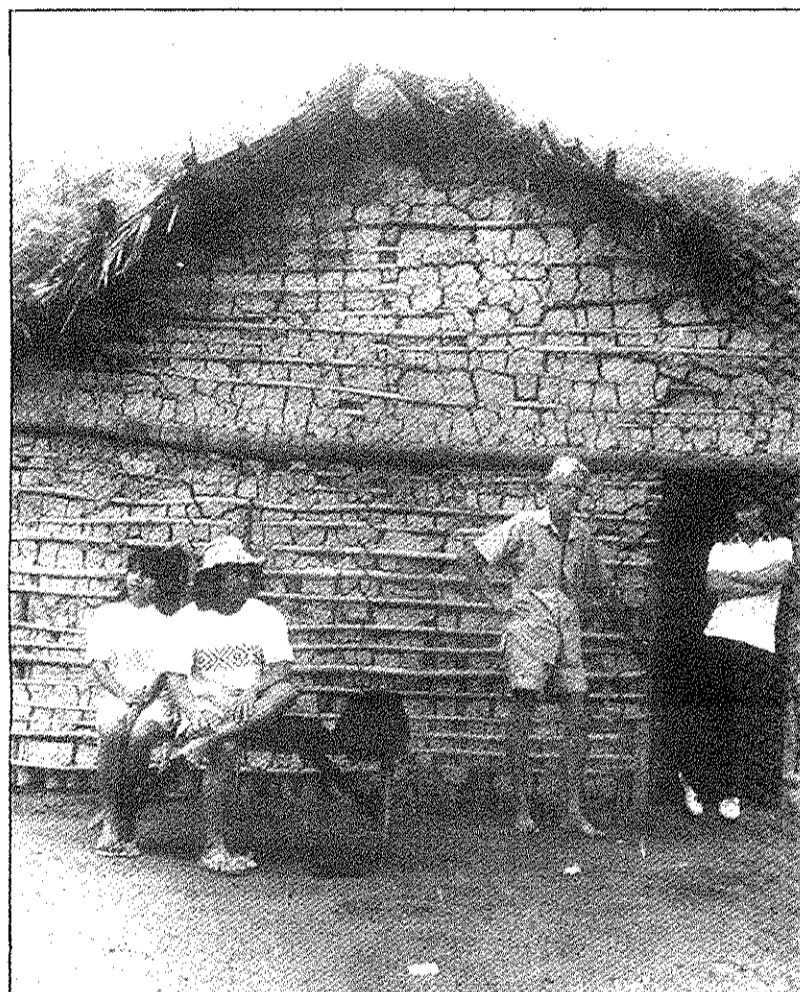
"Temos apenas uma enfermeira que visita todas as aldeias uma vez por semana. Nossas crianças só contam com uma escola, no Bananal, em Peruíbe. As que moram em áreas mais afastadas simplesmente não estudam. Também não contamos com apoio jurídico. Um exemplo é o caso do meu irmão, que foi assassinado há um ano, em São Paulo, e até agora nada foi feito", disse ela, mostrando muita mágoa com a Funai.

Uma das soluções apresentadas pela índia Catarina seria a criação de um escritório da Funai na região, ao invés do posto existente em Peruíbe. "Até mesmo para obter carteiras de

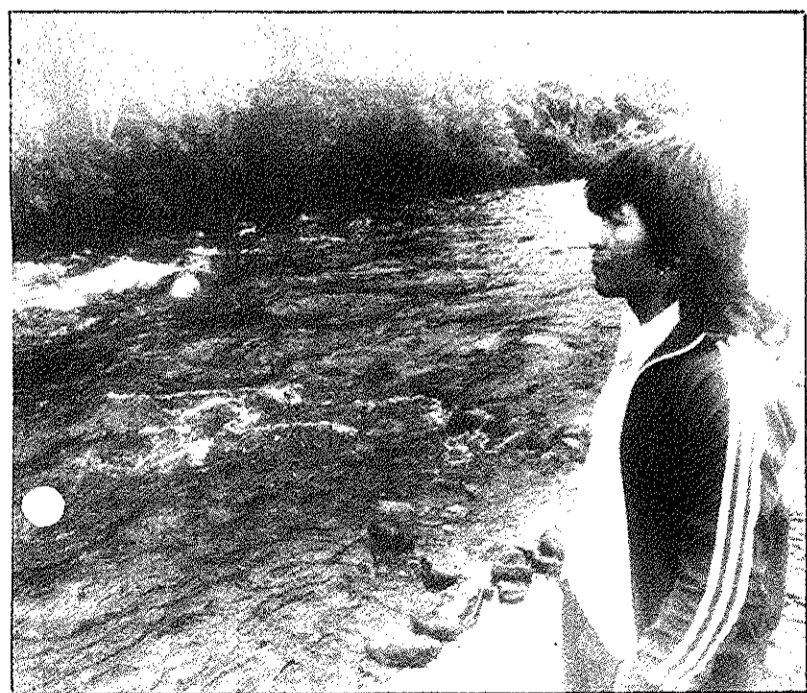
identificação precisamos viajar até Bauru, pois este posto não tem autonomia nem para isso".

Atualmente, como fazem há muitos anos, os índios do Litoral Sul vivem da venda de ervas, artesanato e outros produtos indígenas, nas principais feiras livres dos municípios da região. Em Itanhaém, por exemplo, os membros da Aldeia do Rio Branco descem na quinta-feira à noite, para trabalhar no dia seguinte na feira que funciona no Campão.

Além da Aldeia do Rio Branco, em Itanhaém, existem ainda as aldeias Itaóca, em Mongaguá, Bananal em Peruíbe, Capoeirão, em Ana Dias, Itariri e Mongaguá.



Os grupos do Litoral Sul se queixam do pouco apoio da Funai...



...e consideram-se totalmente abandonados em suas regiões

Tobi quer aldeia turística

A integração entre o índio e o homem branco pode gerar uma série de projetos para que todos ganhem. Um deles foi explicado pelo índio Tobi Itaúna, 47 anos, da Aldeia do Rio Branco. Ele conta com a criação de uma aldeia turística, onde os índios, além de venderem seus produtos, apresentariam seus rituais de danças e e lutas.

No entanto, a localização da aldeia é o primeiro problema. "Temos muitos obstáculos no que diz respeito ao transporte. Só para se ter uma idéia, para arrancar palmito temos de caminhar uma longa distância e depois também andamos muito para ir até a cidade, porque os motoristas não dão carona, com medo de uma blitz da Polícia Florestal", disse Tobi, referindo-se ao fato de que somente os índios

podem retirar, transportar e vender palmitos.

Tobi Itaúna, porém, está tentando, junto a algumas prefeituras da Baixada Santista, conseguir uma área para implantar a aldeia turística. "Essa aldeia precisaria ser grande, pois teremos de preparar os locais para vender ervas medicinais, artesanato e palmito, além dos galpões, para apresentação de danças e lutas", explicou o índio, garantindo que a Prefeitura de São Vicente manifestou interesse no projeto.

O problema é a distância entre São Vicente e as aldeias do Litoral Sul", disse ele, que também gostaria que fosse criada uma polícia indígena. "Dessa forma, os índios que cometessem alguma infração seriam punidos de acordo com as nossas próprias leis e tradições".

Funai admite problema de relacionamento

A Funai reconhece que enfrenta alguns problemas de relacionamento com os índios. Segundo o administrador da Regional de Bauru, Néelson Antônio de Melo, o maior entrave é a deficiência de equipamentos e até de mão-de-obra especializada.

"De 1986 para cá, a Funai de Bauru passou de oito para 23 áreas indígenas, sem que houvessem contratações. Portanto, aumentou a demanda. Só para a região do Litoral precisariam ser contratados 14 atendentes de enfermagem, mas não temos recursos para isso", confessou ele.

Melo está tentando terceirizar alguns serviços. "Como as contratações estão bloqueadas, vamos tentar outras soluções. Algumas prefeituras têm mostrado interesse em colaborar e, quando isso acontece, assinamos convênios", acrescentou ele, sem citar quais as cidades que estão com projetos para melhorar as condições de vida dos índios.

Ainda sobre as aldeias do Litoral Sul, Melo disse que a situação até melhorou. "Eles já contam com água e luz e até mesmo um telefone celular rural já foi providenciado, facilitando o contato com a Funai e com a própria Cidade". Ele diz ainda que muitos problemas surgem por questões políticas, principalmente com o Conselho Indígena Missionário.

"Na verdade, precisaríamos de uma médica que visitasse os índios uma vez por semana, mas o máximo que temos são duas atendentes que trabalham em todas as áreas. A questão salarial também é grave, pois quando podemos contratar não surge ninguém interessado".